

ESSENCIAL JORGE AMADO

Seleção e prefácio de
ALBERTO DA COSTA E SILVA



Copyright © 2010 — Grapiúna Produções Artísticas Ltda.

Copyright do prefácio e da seleção © Alberto da Costa e Silva

*Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico
da Língua Portuguesa de 1990,
que entrou em vigor no Brasil em 2009.*

Penguin and the associated logo and trade dress
are registered and/or unregistered trademarks
of Penguin Books Limited and/or
Penguin Group (USA) Inc. Used with permission.

Published by Companhia das Letras in association
with Penguin Group (USA) Inc.

CAPA E PROJETO GRÁFICO PENGUIN-COMPANHIA
Raul Loureiro, Claudia Warrak

REVISÃO

Isabel Jorge Cury
Carmen S. da Costa
Márcia Moura

CRONOLOGIA

Ilana Seltzer Goldstein e Carla Delgado de Souza

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Essencial Jorge Amado / seleção e prefácio de Alberto da Costa e Silva. — São Paulo : Penguin Classics Companhia das Letras, 2010.

ISBN 978-85-63560-04-9

1. Amado, Jorge, 1912-2001 — Crítica e interpretação
1. Silva, Alberto da Costa e.

10-09415

CDD-869.98

Índice para catálogo sistemático:
1. Escritores brasileiros : Vida e obra :
Literatura brasileira 869.98

[2010]

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORA SCHWARCZ LTDA.

Rua Bandeira Paulista, 702, cj. 32

04532-002 — São Paulo — SP

Telefone: (011) 3707-3500 Fax: (011) 3707-3501

www.penguincompanhia.com.br

Sumário

Prefácio — Alberto da Costa e Silva 07

ESSENCIAL JORGE AMADO

Jubiaibá	17
Capitães da Areia	71
Terras do sem-fim	131
Gabriela, cravo e canela	155
De como o mulato Porciúncula descarregou seu defunto	191
A morte e a morte de Quincas Berro Dágua	207
Dona Flor e seus dois maridos	269
Tenda dos Milagres	319
Tocaia Grande	363
Artigos e crônicas em jornais e revistas	403

<i>Cronologia</i>	439
<i>Biblioteca Jorge Amado</i>	443

Jubiabá

1935

Publicado quando Jorge Amado tinha apenas 23 anos, *Jubiabá* foi a primeira de suas obras a ter êxito de crítica e de público. Embora o personagem que dá o título ao romance, um curandeiro e sacerdote iorubano, seja lembrado ao longo de todo o livro, quem domina a cena é o negro Antônio Balduíno. Morador de rua, Balduíno torna-se um *boxeur* de êxito, mas, apenas por algum tempo, pois, ao não absorver a primeira derrota, abandona o ringue e Salvador, encontrando trabalho numa plantação de tabaco em Cachoeira. Dali foge, após esfaquear um capataz, e vai ser, sucessivamente, artista de circo, jogral de feira e, de novo na capital baiana, estivador e um dos líderes de uma greve.

O livro possui todos os ingredientes do que se tinha então como romance social e, além de obra de ficção, pretendia ser um instrumento de combate político. A ressonância que teve e o fascínio que continua a exercer sobre os leitores se deveram, porém, à figura de Antônio Balduíno, um homenzarrão em quem a força se somava à meiguice, capaz de abaixar-se, ao conversar com uma criança, para ficar da sua altura.

Boxe*

A multidão se levantou como se fora uma só pessoa. E conservou um silêncio religioso. O juiz contou:

— Seis...

Porém antes que contasse sete o homem loiro se ergueu sobre um braço, com esforço, e juntando todas as forças se pôs de pé. Então a multidão se sentou novamente e começou a gritar. O negro investiu com fúria e os lutadores se atracaram em meio ao tablado. A multidão berrava:

— Derruba ele! Derruba ele!

O largo da Sé pegara uma enchente naquela noite. Os homens se apertavam nos bancos, suados, os olhos puxados para o tablado onde o negro Antônio Balduíno lutava com Ergin, o alemão. A sombra da igreja centenária se estendia sobre os homens. Raras lâmpadas iluminavam o tablado. Soldados, estivadores, estudantes, operários, homens que vestiam apenas camisa e calça, seguiam ansiosos a luta. Pretos, brancos e mulatos torciam todos pelo negro Antônio Balduíno, que já derrubara o adversário duas vezes.

Daquela última vez parecera que o branco não se levantaria mais. Porém antes que o juiz contasse sete ele se levantou e continuou a lutar. Houve entre a assistência palavras de admiração. Alguém murmurou:

* Título dado pelo organizador do volume.

— O alemão é macho mesmo...

No entanto continuaram a torcer pelo negro alto que era campeão baiano de peso pesado. Gritavam agora sem parar, desejosos de que a luta tivesse um fim, e que esse fim fosse com Ergin estendido no chão.

Um homenzinho magro, cara chupada, mordia um cigarro apagado. Um negro baixote ritmava os berros com palmadas nos joelhos:

— Der-ru-ba e-le... Der-ru-ba e-le...

E se moviam inquietos, gritavam que se ouvia na praça Castro Alves.

Mas aconteceu que no outro round o branco veio com raiva em cima do negro e o levou às cordas. A multidão não se importou muito esperando a reação do negro. Realmente Balduíno quis acertar na cara sangrenta do alemão. Porém Ergin não lhe deu tempo e o soqueou com violência atingindo-o no rosto, fazendo do olho do negro uma posta de sangue. O alemão cresceu de repente e escondeu o preto que agora apanhava na cara, nos peitos, na barriga. Balduíno foi novamente às cordas, se segurou nelas, e ficou passivamente sem reagir. Pensava unicamente em não cair e se atracava com força às cordas. Na sua frente o alemão parecia um diabo a lhe martelar a cara. O sangue corria do nariz de Balduíno, o seu olho direito estava fechado, tinha um rasgão por baixo da orelha. Via confusamente o branco na sua frente, pulando, e ouvia muito longe os berros da assistência. Esta vaiava. Via o seu herói cair e gritava:

— Dá nele, negro!

Isso no princípio. Aos poucos a multidão foi ficando silenciosa, abatida, vendo o negro apanhar. E quando voltou a gritar foi para vaiar.

— Negro fêmea! Mulher com calça! Ái, loiro! Dá nele.

Estavam com raiva porque o negro apanhava. Eles haviam pago os três mil-réis da entrada para ver o campeão baiano dar naquele branco que se dizia “campeão da Eu-

ropa Central". E agora estavam assistindo era o negro apanhar. Não estavam satisfeitos, moviam-se inquietos e ora vivavam o branco, ora o vaiavam. E respiraram aliviados quando o gongo soou dando fim ao round.

Antônio Balduíno veio para o canto do ringue se segurando nas cordas. Aí o homem magro, que mordia o cigarro inútil, cuspiu e gritou:

— Onde está o negro Antônio Balduíno que derrubava brancos?

Aquilo Antônio Balduíno ouviu. Bebeu um gole da garrafa de cachaça que o Gordo lhe oferecia e virou para a assistência procurando o dono daquela voz. Voz que voltou metálica:

— Quede o derrubador de brancos?

Desta vez parte da multidão acompanhou o homenzinho e disse em coro:

— Quede? Quede?

Aquilo doeu em Balduíno como uma chibatada. Não sentia nenhum dos socos do branco mas sentia aquela censura dos seus torcedores. Disse ao Gordo:

— Quando eu sair daqui dou uma surra neste sujeito. Marque ele...

E quando soou o sinal de recomeçar a luta o preto se atirou em cima de Ergin. Pôs um soco na boca do alemão e em seguida um no ventre. A multidão reconhecia novamente seu campeão e gritou:

— Aí, Antônio Balduíno! Aí, Baldo! Derruba ele...

O negro baixo voltou a ritmar pancadas nos joelhos. O magro sorria.

O negro continuava a dar e sentia uma grande raiva dentro de si.

Foi quando o alemão voou para cima dele querendo acertar no outro olho de Balduíno. O negro livrou o corpo com um gesto rápido e, como a mola de uma máquina que houvesse partido, distendeu o braço bem por baixo do queixo de Ergin, o alemão. O campeão da

Europa Central descreveu uma curva com o corpo e caiu com todo o peso.

A multidão, rouca, aplaudia em coro:

— BAL-DO... BAL-DO... BAL-DO...

O juiz contava:

— seis... sete... oito...

Antônio Balduíno olhava satisfeito o branco estendido aos seus pés.

Depois passou os olhos pela assistência que o vivava procurando o homem que dissera que ele não era mais o derrubador de brancos. Como não o achasse, sorriu para o Gordo. O juiz contava:

— nove... dez...

Suspendeu o braço de Balduíno. A multidão berrava mas o negro só ouviu a voz metálica do homem do cigarro:

— Aí negro, você ainda derruba brancos...

Alguns homens saíram pelo portão largo e enferrujado. Porém a maioria se lançou para o quadrado de luz onde estava o tablado e levantou nos ombros o negro Antônio Balduíno. Um estivador e um estudante seguiravam numa perna e dois mulatos na outra. Levaram assim o negro até o mictório público instalado no largo, que era onde os lutadores mudavam a roupa.

Antônio Balduíno vestiu a roupa azul, bebeu um trago de cachaça, recebeu os cem mil-réis a que tinha direito e disse aos admiradores:

— O branco era fraco... Branco não se aguenta com o negro Antônio Balduíno... Eu cá sou é macho.

Sorriu, apertou o dinheiro no bolso da calça e se dirigiu para a pensão da Zara, onde morava Zefa, cabrocha de dentes limados que viera do Maranhão.